

**Outra e outra vez: leitura a nível nacional**

*Apesar de sujeita a toda a sorte de pressões, a leitura vai singrando por entre as zonas adversas que a televisão, a rádio, a banda desenhada, etc., etc., lhe criam. A leitura é um alto processo reflexivo, é aquele que deixa algo, que permite a meditação e o voltar atrás sempre que for necessário. Se ela é, por um lado, processo de aquisição demorado, torna-se, depois de adquirido, processo dúctil, ágil. Além disso, a forma física em que essa leitura se costuma apresentar — o livro, o jornal, a revista, a folha volante — é cómoda, de manejo simples, nada exigente.*

No entanto, entre nós, as potencialidades da leitura ainda não foram aproveitadas. Claro que surgem aqui e ali boas vontades, uns tantos entusiastas que, na sua qualidade de homens bons, merecem o justo apoio. Mas são iniciativas que carecem de um verdadeiro espírito nacional. Temos também essa extraordinária iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, com as suas Bibliotecas Itinerantes, que proporciona a leitura a centenas de milhar de pessoas nos pontos mais recônditos.

Contudo todas estas iniciativas e muitas outras, que estão por recensear, carecem de um quid, que afinal é tudo: precisam de ser enquadradas num verdadeiro plano nacional, articulado, conforme uma Política Nacional de Leitura. Para isso tem de haver um perfeito entendimento entre o sector público e o privado, os municípios têm igualmente de participar, assim como outras autarquias locais.

Na verdade, enquanto se não encarar a sério toda esta questão, a leitura, entre nós, não passará de um simples «hobby» destinado a uns tantos diletantes ou ociosos, ou então àqueles que têm mesmo de ler por necessidades imperiosas da sua própria actividade.

Acontece ainda que o analfabeto poderá desaparecer das nossas estatísticas. E tal sucede apenas porque alcançou um diploma oficial onde se afirma que ele concluiu o respectivo curso com aprovação. O pior é que ele, saindo da escola, vem para a vida prática e regressa ao estado anterior, isto é, deixa de saber ler, torna-se um não-alfabeto.

E já hoje ninguém pode singrar na vida sem saber ler e escrever. Não basta conhecer-se o rendimento per capita de um país. É preciso indagar-se da qualidade da sua gente, da sua habilitação profissional. Ora um dos elementos mais relevantes para tal análise será precisamente o da leitura — quantos lêem? o que lêem? de que lhes serve a leitura?...

*Estamos, pois, na fase crucial: ou se entra agora decididamente na criação de um Plano Nacional de Leitura, ou se o deixa para as Calendas Gregas, com todo o seu rosário de consequências — progressão do subdesenvolvimento, não qualificação da mão de obra, iniciativas meritorias mas logo condenadas ao insucesso por falta de estruturas capazes.*

*No momento actual, em que se fala e se combate na chamada Grande Batalha do Ensino, não se pode esquecer uma das suas estruturas fundamentais: a Leitura. E esta tem de ser encarada ao nível nacional, congregando realizações já em curso, criando novos apoios, estabelecendo redes aos níveis locais, regionais, chamando a escola, o município, o «homem bom», a colaborar. Ao fazer-se isso, porém, não se pode pensar que tal se alcance com amadorismos, apenas com as boas vontades de uns tantos entusiastas. Não, há que o fazer em termos perfeitamente exequíveis, de verdadeiros técnicos, de profissionais, que recorram à sociologia, à estatística, às técnicas documentais, etc., etc., para estabelecerem um plano nacional que conduza à Leitura, entendendo-se esta não apenas como uma forma de matar a ociosidade, mas sim como uma ferramenta indispensável para vencer — ou tão só para sobreviver?... — nos atribulados dias de hoje.*